

Sumário

Prefácio - De volta ao álbum - *Samantha Viz Quadrat* | 9

Prólogo | 13

Introdução | 19

Capítulo I – A foto que falta no álbum: Aragão e as refregas das memórias | 25

 O quadro invisível | 28

 Os silêncios e ressentimentos das memórias | 30

 Sujeitos e contextos | 33

 As visões de bombordo | 39

 Um cisne vermelho? Aragão e a memória institucional | 43

 A gestão memorial | 52

Capítulo II – De soldado paraibano a almirante nacionalista | 59

 Corpo de Fuzileiros Navais: apontamentos históricos | 60

 Peguei um Ita no Norte! | 69

 Mais um Cândido? | 72

 A formação militar | 77

 Não era para “qualquer um” | 80

 Vivendo e aprendendo | 82

 Entre bailes e bailéus | 91

 O soldado político | 97

 O nacionalismo de esquerda | 106

 A renúncia de Jânio Quadros | 113

 Operação Bagrinho | 116

 A posse como comandante-geral (ComGer) | 118

Capítulo III – Aragão e o golpe de 1964 | 127

 Dóceis resistentes | 144

 A posse de Castelo Branco | 152

 Suzano, o bom companheiro? | 158

 O presidiário | 162

 A vida nas embaixadas | 166

 Os fuzileiros na República Dominicana | 172

Capítulo IV – Exílio: entre rotas e <i>derrotas</i>	177
“Como el Uruguay <i>no hay</i> ”?!	179
Brizola sai na frente	201
“Cabo” Anselmo, sensação em Havana?!	205
Letras revolucionárias	211
Vivendo os socialismos	215
Almirante na terra do <i>timoneiro</i>	219
Sr. Federico! Regresso e <i>adiós Uruguay</i>	226
Vivendo a “experiência chilena”	234
O almirante e o coronel – Aragão “visita” Perón	248
Capítulo V – Do Tejo à Guanabara	253
O “25 de Novembro”	265
Os atentados?	272
A última estação!	280
Capítulo VI – A última retinida	287
O manifesto	296
PMDB – o novo, nem tão seguro, porto	303
A absolvição jurídica	306
A volta nos braços dos marinheiros	310
Dilma Aragão, a guardiã da boa memória do pai	315
Os fragmentos	318
O soldado desconhecido	320
Conclusão	327
Fontes	333
Referências	335
Lista de abreviaturas e siglas	349
Agradecimentos	353

Prefácio

De volta ao álbum

No dia 11 de novembro de 1998, morria, aos 91 anos de idade, o almirante Cândido da Costa Aragão, um dos símbolos da resistência ao golpe civil-militar de 31 de março de 1964. Aragão, o *almirante vermelho* ou o *almirante do povo*, morria como um anônimo, sem honras políticas ou militares. Embora sua foto sendo carregado nos braços dos marinheiros envolvidos na rebelião da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB) seja um dos símbolos mais fortes dos acontecimentos pré-golpe e esteja presente em várias publicações sobre 1964, a trajetória de Aragão é praticamente desconhecida da maioria dos brasileiros.

Na tese defendida em 2014 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense e agora transformada no livro *...como se fosse um deles. Almirante Aragão: memórias, silêncios e ressentimentos*, Anderson Almeida busca, através da abordagem biográfica, elucidar a trajetória de uma das figuras mais importantes daqueles idos de 1964.

Não é a sua primeira pesquisa sobre os homens de farda branca no Brasil. Em seu percurso acadêmico, tem buscado desvendar a história dos militares que disseram *não* e resistiram ao golpe e à ditadura, e que por isso foram perseguidos, tiveram a carreira e até mesmo a vida interrompidas pela ação da repressão. Em sua dissertação de mestrado *Todo o leme a bombordo – marinheiros e ditadura civil-militar no Brasil: da rebelião de 1964 à anistia*,¹ também defendida no Programa de Pós-Graduação em História e premiada pelo Edital de Publicação do Memórias Reveladas do Arquivo Nacional, ele analisou a trajetória dos homens que faziam parte da AMFNB. Marinheiros que foram estigmatizados pelas esquerdas por conta do cabo Anselmo, o grande trai-

¹ ALMEIDA, Anderson. *Todo o leme a bombordo – marinheiros e ditadura civil-militar no Brasil: da rebelião de 1964 à anistia*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2012.

dor da luta armada, e pelas direitas como um dos responsáveis pela agitação que levou ao rompimento democrático no Brasil.

Todos esses homens, de patentes ou não, foram *esquecidos* e viraram um tabu dentro da Marinha brasileira. No caso de Aragão, o silêncio do Corpo de Fuzileiros Navais pode ser percebido no *hall* dos almirantes e nos livros publicados pela instituição. Ali, nesses espaços reservados aos grandes nomes da Marinha, mesmo após 53 anos, Aragão está ausente. Sem quadro, sem foto, sem imagem. O que demonstra como as Forças Armadas brasileiras ainda precisam refletir sobre o passado autoritário e a sua relação com a memória, a verdade e a justiça.

Aragão era negro, pobre, nordestino, com várias anotações em sua ficha de carreira. Não era o que se idealizava dentro de um quadro extremamente elitista que eram as Forças Armadas brasileiras naquela época. Mas era também da cúpula militar do governo João Goulart, comprometido com a democracia e ciente das condições sub-humanas que os marinheiros ainda enfrentavam na segunda metade do século XX.

Para dar conta do desafio, Anderson Almeida percorreu diversos arquivos no país e no exterior. No Brasil, pesquisou nas sedes do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e de Brasília, no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, no Arquivo Público do Estado de São Paulo, no Arquivo Edgard Leuenroth, da Universidade de Campinas, na Biblioteca Nacional, na Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa, no Arquivo Eclesiástico da Paraíba e no Cartório Azevedo Bastos, em João Pessoa. Como ex-marinheiro e pesquisador, cruzou o oceano Atlântico atrás de documentação sobre o tempo que Aragão viveu no exílio em Lisboa, Portugal. Lá pesquisou no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, no Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, na Biblioteca Nacional de Portugal, na Fundação Mário Soares e na Associação 25 de Abril, e também ouviu comandantes portugueses que receberam o velho almirante e lhe deram acolhida no momento em que seu próprio país passava por transformações após uma longa ditadura.

Ao longo de oito anos, tive a honra de acompanhar o crescimento acadêmico e pessoal do Anderson Almeida desde a sua monografia do curso de especialização em História Contemporânea, na própria UFF, orientei o seu mestrado e o seu doutorado. Os seus dois trabalhos são ao mesmo tempo belos exemplos da pesquisa histórica e do encontro de um ex-marinheiro com uma instituição que omite de seus integrantes acontecimentos e figuras-chave dos seus quadros. Nesse sentido, rompe barreiras e silêncios, quebra tabus e expõe ressentimentos.

O livro, que chega às mãos do leitor através da Eduff, mostra que a ditadura civil-militar, mesmo sendo um tema extremamente estudado pelas ciências humanas e sociais, abraçado por jornalistas e homens e mulheres que contam a sua história durante os anos autoritários, ainda contém muitos episódios que nos convidam e desafiam a conhecer a história dos *anos de chumbo*.

Em tempos em que vivemos no país uma forte instabilidade política, vemos parlamentares defendendo a figura de torturadores em pleno Congresso Nacional e cartazes nas ruas pedindo uma nova intervenção militar, o livro é incentivo e um convite à reflexão sobre a nossa história recente, sobre a ditadura e a democracia.

Niterói, outono de 2017

Samantha Viz Quadrat

Professora de História da América Contemporânea
Universidade Federal Fluminense